

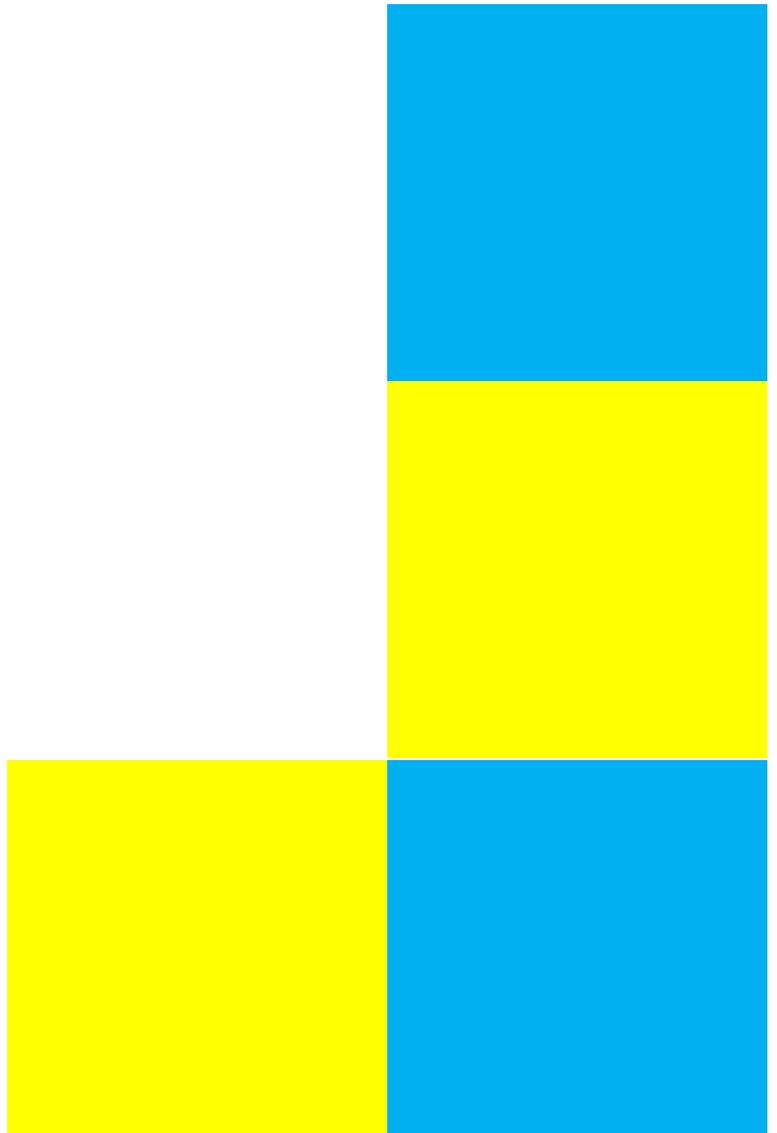
Império: permanências e críticas

Horacio Nogueira Pizzolante

Mestre em Geografia e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Helena Bourgeois Franco

Graduanda em Geografia no Departamento de Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.





Introdução

O livro *Império*, de Michael Hardt e Antonio Negri, pode ser tido sob muitos aspectos como audacioso. Partindo da corrente marxista heterodoxa denominada operaísmo italiano, da qual Negri é um dos principais expoentes, a principal proposta em *Império* foi reconceituar as bases do pensamento político, econômico, filosófico, cultural e antropológico a partir de uma perspectiva pós-moderna. Um projeto ambicioso como esse jamais poderia ser aceito desembaraçadamente, uma vez que os autores propuseram um inovador mapa conceitual do mundo contemporâneo, reinterpretando conceitos (como Estado, política, soberania, globalização...) e autores (Espinosa, Marx, Maquiavel, Foucault, Deleuze, Guattari...) que sempre foram objeto de intermináveis disputas políticas e ideológicas.

Tendo sido publicado originalmente em 2000, a primeira versão de *Império* chegou ao Brasil no ano seguinte, pela editora Record (HARDT; NEGRI, 2001). Inúmeros debates a respeito da obra em questão logo foram levantados e, em 2004, houve a publicação de sua sequência, o livro *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Seguiram a sequência os livros *Bem-estar comum* (2016; original de 2009) e *Assembly* (2017 – ainda sem edição brasileira). Por sua vez, Antonio Negri ainda publicou, sozinho, o livro *Cinco lições sobre Império*, fruto de um curso de cinco aulas que ministrou na Universidade de Cosenza, em 2002. Em colaboração com Giuseppe Cocco, ainda publicou, em 2005, o livro *GlobAL: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada* (NEGRI; COCCO, 2005).

Deste modo, nosso objetivo neste breve artigo é retomar, vinte anos após a publicação brasileira de *Império*, alguns dos principais tópicos da obra, com o propósito de avaliá-los. Para tanto, é importante ressaltar que o livro em questão é profundamente complexo e cheio de nuances, portanto, não poderíamos de maneira alguma contemplá-lo integralmente. Assim sendo, dividimos nossa exposição em dois momentos distintos.

Em um primeiro momento, analisaremos o livro de Hardt e Negri buscando enfatizar as permanências. Ressaltamos, sobretudo, dois pontos: 1- a acertada interpretação que os autores tiveram do processo de globalização e das novas formas de se fazer a guerra, portanto, das contínuas transformações da estrutura de poder global, pautada no controle biopolítico e; 2- a noção de multidão, nome dado ao sujeito político-revolucionário sem rosto que se desponta no início do século XXI.

Na seção seguinte, analisaremos sucintamente duas das principais correntes manifestamente opostas à interpretação de *Império*, a saber, a preconizada por David Harvey em seu livro *O novo imperialismo* (2014) e aquela do pensamento decolonial, especialmente a crítica apresentada por Ramón Grosfoguel (2008). Além disso, buscaremos indicar algumas contribuições da Geografia Crítica, particularmente o conceito de metropolização do espaço, para compreender o Império duas décadas depois.

Em movimento semelhante ao aqui proposto, os próprios autores de *Império*, Michael Hardt e Antonio Negri, publicaram em 2019 um artigo intitulado *Empire, twenty years on*, no periódico britânico *New Left Review* (HARDT; NEGRI, 2019). É compreensível que os autores não tenham abordado as imprecisões do livro ou as correntes contrárias à sua interpretação e visão de mundo, dando ênfase aos trechos mais exitosos e acurados. Ainda assim, julgamos que tal artigo nos é de extrema valia, uma vez que nos possibilita um acesso mais direto (sem rodeios) aos principais pontos do livro *Império*, de acordo com a visão dos autores.

Permanências e relevâncias de *Império*

“O Império está se materializando diante de nossos olhos” (Hardt e Negri, 2001, p.11). Com essa frase, que inicia o livro, os autores já começam a dar o tom de sua obra: um processo em devir. Assim, é natural que, vinte anos depois, alguns dos prognósticos tenham sido realizados e outros não. O capitalismo (atualmente em sua fase neoliberal) e a luta de classes são incessantes e estão em constante metamorfose, assumindo formas que dificilmente são antevistas. O elemento central da obra de Hardt e Negri é a mudança de paradigma, isto é, do imperialismo ao Império; da economia de base industrial à informacional; da modernidade à pós-modernidade. Em outras palavras, os autores vislumbram mudanças qualitativas em todo o processo de reprodução das relações sociais de produção.

É possível que o advento da globalização – em suas múltiplas vertentes – seja o principal ponto de inflexão da obra de Hardt e Negri. Vislumbrando metamorfoses radicais na sociedade, na política e na economia, os autores jamais apresentaram o processo de globalização como único, estável e homogêneo ou homogeneizante. Ao desvendar o modo de funcionamento, gestão e controle das estruturas globais de comando – as quais denominam Império – Hardt e Negri não buscam absolutizar o

processo de globalização, pelo contrário. O destaque dado ao longo do livro aos atores sociais hegemônicos e contra-hegemônicos denota que a globalização gera fragmentação (e não somente união), assim como anuncia as possibilidades de resistência à ordem imposta.

A crise da globalização é muito preconizada nos dias de hoje. Julga-se que esta se deve à ascensão de governos de extrema-direita (e da *alt-right*) e ultranacionalistas em todo o mundo, especialmente a partir da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, em 2016¹. Haveria um suposto retorno aos ideais modernos de Estado, do ideal de nação, e também do Estado-nação – três conceitos distintos, porém intimamente relacionados – evidenciado justamente pela extrema-direita. Contudo, Hardt e Negri nos oferecem arsenal teórico-conceitual suficiente para interpretar este movimento de outra maneira: a crise é usada como um instrumento para a re-produção das relações sociais de produção e das redes globais capitalistas de comando e controle, portanto, a ascensão da extrema direita vem como reação imediata à reestruturação nas redes globais de poder que compõe o Império.

É certo que os Estados Unidos desempenham função de liderança na condução política e econômica global. Porém, Hardt e Negri foram precisos ao apontar que não cabe mais a qualquer Estado-nação (ou a um conjunto deles) a regência da estrutura global de comando, denominada Império. Os autores enfatizaram a participação de organizações multilaterais (como o Banco Mundial, a Organização das Nações Unidas e o Fundo Monetário Internacional), de Organizações Não Governamentais e de grandes empresas em tal estrutura. Isto significa dizer que as atribuições de um país como os EUA são limitadas por esses outros entes.

As mudanças políticas são diretamente associadas às mudanças econômicas, geográficas e socioculturais. Os autores de *Império*, francamente inspirados em pensadores do operismo italiano, como Paolo Virno, foram capazes de vislumbrar com clareza a centralidade do processo de informatização da produção (que definitivamente não era tão significativa no final dos anos 1990 quanto é hoje):

Hoje toda atividade econômica tende a cair sob o domínio da economia da informação, e a ser qualitativamente transformada por ela. As diferenças geográficas na economia global não são

¹ Podemos citar as eleições de Jair Bolsonaro no Brasil; de Boris Johnson, no Reino Unido; de Matteo Salvini na Itália; de Viktor Orbán, na Hungria (no cargo desde 2010, muito antes da eleição de Trump), entre muitos outros...

sinais da copresença de diferentes estágios de desenvolvimento, mas linhas da nova hierarquia de produção global. (HARDT; NEGRI, 2001, p. 308-309).

A reestruturação produtiva em direção à economia da informação levou à reterritorialização da atividade produtiva, assim como dos “centros políticos e financeiros do Império, as *ciudades globais*” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 367, grifo nosso). Em trabalhos posteriores, os autores passaram a aplicar a noção de metrópole, mais complexa que a de cidades globais. Esta mudança é importante e muito cara à Geografia Crítica, pois transfere a ênfase dada à classificação hierárquica das cidades globais a todas as cidades do planeta, não somente àquelas localizadas nos ditos países centrais, que foram mais atentamente analisadas em *Império*.

A passagem da hegemonia da economia industrial para a economia informacional não se limita às transformações no âmbito das tecnologias de informação e comunicação, pois leva em consideração também a hegemonia do trabalho imaterial e marcantes metamorfoses espaciais. Portanto, trata-se de reconhecer a centralidade da produção de bens imateriais, ou seja, da produção de informação, ideias, representações, afetos, saberes e cuidados para a reprodução do capitalismo nas metrópoles hoje.

Para além da produção de bens materiais de todo o tipo, Hardt e Negri demonstram como as relações capitalistas de produção e também relações sociais externas à lógica capitalista são ressignificadas para extrair valor. Trata-se do regime de biopoder, que regula a morte e também a vida, produzindo e reproduzindo todos os aspectos da vida cotidiana, da sociedade e do espaço. Tal regime empenha-se em criar e também espoliar relações sociais de cooperação e colaboração, uma vez que se expandiu para todo o planeta. O Império, de acordo com Hardt e Negri, é, ao mesmo tempo, um não-lugar, por não ser localizável, e está por toda a parte. Ao envolver e ressignificar todos os aspectos da vida social e cotidiana (especialmente o conhecimento, a comunicação e os afetos), a tendência apontada é que não haja mais nada fora da lógica capitalista ou do regime de biopoder.

Assim como produz e ressignifica o comando e a exploração, o Império também cria as condições para a sua própria superação. Surge um “conjunto de todos os explorados e subjugados, uma multidão que se opõe diretamente ao Império, sem mediadores” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 418-419). A multidão surge no contexto de produção biopolítica: de acordo com os autores, “trata-se de um *novo proletariado* e não

de uma *nova classe operária industrial*.” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 426). Neste contexto, não há mais separação clara entre o tempo e espaço de produção e reprodução. A produção não se limita mais à fábrica, e foi justamente esta noção que levou Negri, anos depois, a associar a (re)produção da multidão e das metrópoles (NEGRI, 2010). Somado a isto, cabe ainda destacar que a multidão se diferencia dos conceitos tradicionais (e homogeneizantes) de classe e povo por designar um conjunto plural, heterogêneo e democrático, o que faz com que assuma traços de anonimato e imoderação.

Acreditamos que o conceito de multidão tenha sido uma das principais contribuições trazidas pelos autores de *Império*, algo que é comprovado tanto pela intensificação da exploração capitalistas - com traços biopolíticos cada vez mais evidentes devido à aceleração algorítmica - quanto pela resistência criativa da multidão à dominação - nas escalas local e global - ao longo das duas últimas décadas. Entre os trabalhadores de aplicativo e as resistências das Jornadas de Junho no Brasil, o movimento Occupy Wall Street nos Estados Unidos, a Primavera Árabe e a Revolução dos Guardachuvas em Hong Kong, não faltam exemplos que comprovem a atualidade e relevância do conceito de multidão.

Críticas e contraposições a *Império*

Um dos pontos mais fundamentais e pertinentes em *Império* é a análise proposta pelos autores a respeito das características inéditas do processo de re-produção das relações sociais de produção. De acordo com os autores, a pós-modernidade – ou a sociedade pós-industrial – é marcada pela hegemonia do trabalho imaterial, argumento tecido à luz da noção de *General Intellect*, desenvolvida por Karl Marx em *Grundrisse*. Contraposto à visão de Hardt e Negri, acusando-a de ser um reducionismo teórico responsável por reforçar o eurocentrismo, Ramón Grosfoguel afirma que:

Lo novedoso es cómo el trabajo inmaterial se ha tornado hegemónico a escala mundial en el sentido de que ha subordinado todas las otras formas de trabajo bajo su control y dominación. El problema con «Imperio» en Hardt y Negri es cuando inscriben los procesos novedosos de «trabajo inmaterial» y «capitalismo cognitivo» en una narrativa lineal, etapista de la historia en la que se reemplazarían, con el paso del tiempo, a las «viejas» formas de trabajo y procesos de acumulación, en lugar de reorganizarlas, como muy bien ha señalado Santiago Castro-Gómez (2005). (GROSFOGUEL, 2008, p. 23).

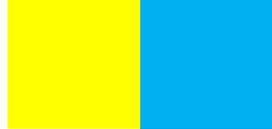
Ao contrário do que interpreta Grosfoguel, afirmar que o trabalho imaterial tornou-se hegemônico na fase neoliberal do capitalismo contemporâneo não nega quantitativamente a importância do capitalismo industrial ou mesmo sua existência, mas o contesta qualitativamente, uma vez que “o que desapareceu foi a posição hegemônica da classe operária industrial, que não fez nem desfez nem mesmo declinou em números – apenas sua posição hegemônica mudou geograficamente” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 277). Naturalmente, diversas formas de exploração coexistem nos dias de hoje e cada uma é relevante, à sua maneira, para a reprodução do capitalismo. Assim, o trabalho imaterial apresenta-se como vanguarda.

Outra crítica de Grosfoguel (2008) refere-se à interpretação de Hardt e Negri sobre o exercício do poder.

Vista desde la periferia las formas de poder soberano, disciplinario y biopolítico no se suceden de forma lineal sino que han coexistido simultáneamente desde el siglo XVI hasta hoy. En resumen, Hardt y Negri en aras de ofrecernos una visión actualizada y al día de las nuevas formas de trabajo y poder capitalista, terminan reproduciendo un eurocentrismo que limita el entendimiento de las coordenadas del poder global. (GROSFOGUEL, 2008, p. 22).

Não consideramos tal crítica pertinente, afinal, é justamente isso que indicam os autores de *Império*, abertamente inspirados por Michel Foucault, uma vez que o filósofo francês afirma que todas as formas de exercício de poder coexistem em justaposição, nunca deixando de existir. O que ocorre, mais uma vez, é a sobredeterminação de formas de poder (no caso, o poder biopolítico) em relação às demais, mas jamais a negação das demais formas de dominação. Assim sendo, a frase supracitada de Grosfoguel (2008, p. 22) está conceitualmente correta, porém não poderia servir como uma crítica a Hardt e Negri, pois estes afirmam praticamente a mesma coisa. A diferença fundamental é que Hardt e Negri, ao analisar a reestruturação produtiva do capitalismo contemporâneo, enxergam uma mudança qualitativa tanto na produção (com a hegemonia do trabalho imaterial), quanto na dominação (biopolítica).

Partimos destes mesmos pontos de inflexão entre o livro de Hardt e Negri e o artigo de Grosfoguel para abordar algumas das críticas apresentadas por David Harvey (2014). Apesar de citar diretamente Hardt e Negri apenas duas vezes, fica evidente que o livro *O novo imperialismo*, publicado originalmente em 2003, é uma forma de resposta de



Harvey ao sucesso de *Império*. O próprio título do livro de Harvey é uma contraposição a Hardt e Negri, uma vez que faz referência ao imperialismo, que é radicalmente diferente da noção de império. Enquanto o imperialismo é uma forma moderna de soberania dos Estados-nação para além de suas fronteiras, o império é a nova forma que a soberania toma na pós-modernidade. Para os autores de *Império*, “o imperialismo acabou.” (Hardt e Negri, 2006, p.14).

Analisando o período histórico que foi de 1970 a 2000 (denominado pelo autor de hegemonia neoliberal), David Harvey afirma que:

O capital financeiro passou ao centro do palco nessa fase da hegemonia norte-americana, tendo podido exercer certo poder disciplinar tanto sobre movimentos da classe operária como sobre as ações do Estado (...). Toda essa mudança [hegemonia neoliberal do capital financeiro] não teria tido o efeito que teve se não fosse a ação de uma bateria de mudanças tecnológicas e organizacionais que permitiu que a manufatura se tornasse muito mais fluida e flexível. (HARVEY, 2014, p. 59).

Por outro lado, analisando o mesmo processo, mas a partir de perspectivas distintas, Hardt e Negri (aqui inspirados pela interpretação que Deleuze e Guattari fizeram da obra de Foucault) captaram a essência da multidão, que é biopolítica. Nos indicam que “devemos reconhecer que o próprio sujeito do trabalho e da revolta mudou profundamente. A composição do proletariado transformou-se, e por isso o nosso entendimento dele também deve transformar-se” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 71). E esse movimento passa, inevitavelmente, pelo reconhecimento da dimensão biopolítica do trabalho e da produção. Portanto, não se limita ao poder disciplinar a que Harvey se refere. Nesse contexto, assim como o trabalho (imaterial), “as lutas são ao mesmo tempo econômicas, políticas e culturais – e, por consequência, são lutas biopolíticas, valendo para decidir a forma da vida.” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 75). Para os autores de *Império*, não há possibilidade de a estrutura de comando e o controle biopolítico se separarem da força plural e vital da multidão, que realiza o trabalho imaterial e anima o Império:

De uma perspectiva, o Império se ergue claramente sobre a multidão e a submete ao mando de sua máquina, como um novo Leviatã. Ao mesmo tempo, entretanto, da perspectiva da produtividade e da criatividade sociais, do que vimos chamando de perspectiva ontológica, a hierarquia é invertida. A multidão é a verdadeira força produtiva de nosso mundo social, ao passo que o Império é um mero aparelho de captura que vive apenas da vitalidade da multidão. (HARDT; NEGRI, 2001, p. 80).

E é claro que este novo sujeito, a multidão, não é homogêneo ou mesmo facilmente determinável. As particularidades socioculturais, geográficas e antropológicas são muito marcantes ainda hoje. Inspirado por E. P. Thompson e, sobretudo, por Rosa Luxemburgo, David Harvey indica como muitos vestígios pré-capitalistas são importantes para a (re)produção do capitalismo e das relações sociais de produção na contemporaneidade: “o capitalismo internaliza práticas tanto canibais como predatórias e fraudulentas. (...) A acumulação por espoliação pode ocorrer de uma variedade de maneiras, havendo em seu *modus operandi* muitos aspectos fortuitos e casuais.” (HARVEY, 2014, p. 124).

Aqui, a visão de Harvey é plenamente compatível com a visão de Hardt e Negri, que citam a mesma Rosa Luxemburgo. Entretanto, a diferença entre as abordagens dos autores é essencialmente metodológica. David Harvey se pauta por aquilo que denomina materialismo histórico-geográfico (HARVEY, 2014), portanto, a partir de uma análise que enfatiza a dimensão material da produção de valor no capitalismo contemporâneo, com o expresso intuito de desvendar a expansão e consolidação do poder norteamericano, especialmente a partir da Guerra Fria e do início da hegemonia neoliberal – esta última a partir da década de 1970.

Por sua vez, como afirmamos anteriormente, o enfoque de Hardt e Negri é nas metamorfoses da hegemonia do trabalho imaterial, cada vez mais mediado por tecnologias de informação, assim como dependente da atividade humana de comunicação, cooperação, colaboração e cuidado. Isto significa dizer que os autores compreendem que relações não capitalistas passam a ser subordinadas ao jugo do capital, tornando-se base e fundamento da reprodução do capital. Em termos marxistas, os autores vislumbram uma passagem da subsunção formal à subsunção real do capital, uma vez que tais relações (anteriormente distantes da reprodução do capital) são convertidas em capitalistas, pois estão submetidas a esta lógica.

Considerações finais

Michael Hardt e Antonio Negri ainda têm muito a nos acrescentar na interpretação da produção das relações sociais de produção no mundo contemporâneo, hodiernamente marcado pelo advento da globalização, pelo exercício do biopoder e pela produção biopolítica. Apesar de os autores não fazerem referência à Geografia em sua obra, acreditamos ser ela uma das principais chaves para sua compreensão. O processo



de reprodução ampliada do capital, agora global como nunca antes na história, depende cada vez mais da produção do espaço e da cidade. Com isso, trazemos a noção de metropolização do espaço, a fim de acrescentar à análise desenvolvida em *Império*. Ou seja, as metamorfoses sociais que vem a constituir o Império e a multidão também devem ser analisadas como metamorfoses espaciais.

Como indicamos anteriormente, já partiu de um dos autores de *Império* a ideia de que a metrópole é o lócus de (re)produção da multidão, de sua exploração e também das possibilidades de superação da ordem imperial opressora vigente. “Trata-se de nos perguntarmos como a metrópole se apresenta diante da multidão e se é correto dizer que a metrópole está para a multidão assim como a fábrica estava para a classe operária” (NEGRI, 2010, p. 201). Segundo Lencioni (2017), a metrópole é uma forma urbana de relevante tamanho (populacional e/ou territorial) que possui uma série diversificada de atividades econômicas - em especial a concentração de serviços de ordem superior - e que se constitui num lócus privilegiado de inovação, bem como de emissão e recepção de fluxos de comunicação e informação, tornando-se ponto de conexão entre redes de transporte, informação, comunicação, cultura, poder ou cidades.

Em momento algum poderíamos associar o espaço exclusivamente à dimensão material (morfologia espacial) ou as relações sociais exclusivamente à dimensão imaterial (práticas espaciais), uma vez que é absolutamente impossível dissociar tais termos desta maneira. Espaço e sociedade estão imbricados, um se realizando *a partir de e no* outro. Buscamos demonstrar, assim, como as relações capitalistas de produção se expandiram para todas as relações e dimensões da vida cotidiana e também para todo o espaço. É nesse sentido que importa que falemos do processo de metropolização do espaço, e não apenas do conceito de metrópole. Afinal, se indicamos que o processo de metropolização do espaço influencia diretamente as mais diversas esferas da sociedade - sejam estas econômicas, políticas, jurídicas ou culturais -, isto significa dizer que este processo é formador e também gerado pela (re)produção biopolítica que pauta a (re)produção do capitalismo contemporâneo.

Referências

GROSFOGUEL, Ramón. Del imperialismo de Lenin al Imperio de Hardt y Negri: 'fases superiores' del eurocentrismo. Bogotá: **Universitas humanística** n. 65 jan.-jun. 2008 pp: 15-26.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multitude**: war and democracy in the age of Empire. Nova Iorque: Penguin, 2004.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. Harvard: First Harvard University Press, 2009.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Empire, twenty years on. Londres: **New Left Review**, n. 120, nov.-dez. 2019, pp. 67-92.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

NEGRI, Antonio. Dispositivo metrópole: a multidão e a metrópole. **Lugar Comum**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 25-26, mai-dez 2010, pp. 201-208.

NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe. **Glob(AL)**: biopoder e luta em uma América Latina globalizada. Rio de Janeiro: Record, 2005.